

“EU JÁ TIVE TANTOS NÔMES...” – UMA VIA-GEM PELA OBRA DE JOSÉ JORGE LETRIA*

Há alguns anos, numa ocasião em que também José Jorge Letria foi homenageado como escritor, o leme que orientou a minha viagem pelos seus textos levou-me a intitular essa intervenção como “A asa e a rota dos sonhos”.

Os tópicos da minha abordagem nessa altura foram:

- A recuperação da infância
- A importância do livro na vida das personagens e no percurso da Humanidade
- As relações entre Escrita e Escritor
- As relações entre Escrita e Pintura e mais especificamente entre Poesia e Pintura
- As relações entre Poesia e Ciência
- A importância da Liberdade.

Todas estas isotopias me continuam a surgir como fundamentais nos textos de José Jorge Letria, mas a sua criação literária tem-se expandido por mais caminhos e, assim, hoje, irei recuperar alguns dos aspectos anteriormente referidos, salientando, no entanto, outras vertentes dos seus textos.

*

“Eu já tive tantos nomes ...” – Quem poderá ser este sujeito na obra de Letria?

Maria da Natividade Pires **

1. “Eu” – a **Liberdade** – com o nome de voo, asas, sonho, palavra, em livros como *A borboleta com asas de vento* ou *No voo de uma palavra*; com o nome de *Lazarinho de Tormes*, ou Gomes Freire de Andrade (em *A teia de um segredo*).

Todas estas isotopias que percorrem a obra de José Jorge Letria se congregam à volta de um valor essencial – a **Liberdade**.

O Homem que tinha um livro na cabeça é um hino à **Liberdade** – **Liberdade** que se manifesta não só nas temáticas como no próprio processo de escrita, sendo o exemplo mais evidente *O Livro das Rimas Traquinas*, onde o “nonsense” e o ludismo são a forma de o poeta usar a sua liberdade criativa. Neste livro, José Jorge Letria afasta-se dos poemas narrativos longos que temos vindo a referir e explora textos curtos ao gosto das rimas tradicionais, com associações de ideias e associações fonéticas inesperadas:

O Rei dos Trocadilhos

O rei dos trocadilhos

Tinha cinco filhos

Que andavam sempre

Metidos em sarilhos.

Um dia trocou os filhos

Por cinco trocadilhos

E, contente,

Acendeu rastilhos.

Uma palavra diferente

Surgiu com novos brilhos.

Fez dos filhos andarilhos

E, dos trocadilhos,

Os mais belos

Encaixou-os em caixilhos.

De forma explícita ou metafórica, é sempre a Liberdade que é problematizada e defendida através das mais variadas situações – desde a liberdade do escritor em poder ultrapassar a fronteira entre o sonho e a realidade, à liberdade do jogo com a linguagem. O poeta escreve: “amo as palavras rebeldes” (“As palavras rebeldes”, in *Adivinhação do Azul*, incluído em *O Fantasma da Obra*, p. 49), à liberdade da investigação, do desenvolvimento da ciência que faz avançar o mundo – lembro que o *Homem que tinha uma árvore na cabeça* é um livro sobre a necessidade da tolerância (os governantes da cidade não gostavam de Arbóreo porque ele tinha uma árvore na cabeça, ou seja, porque era diferente, e o cientista Johannes Kepler pede a Arbóreo que esconda um livro no meio dos seus ramos, porque é um livro perigoso, e perigoso porque “defende ideias raras que não agradam àqueles que mandam nos reinos desta Terra”, p. 24).

Mas, o percurso da existência humana só faz sentido se for orientado pelo pensamento, pela consciência e pela liberdade – é este percurso de crescimento do ser humano que é desafiado em *No Voo de uma Palavra*. Diz o homem:

“Senti-me feliz por ser diferente,
senti-me diferente por saber pensar
e percebi que o pensamento seria,
desse dia em diante,
a minha arma mais poderosa,
a asa e a rota dos meus sonhos
.....” (p. 10)

Assim, a primeira palavra que o Homem descobre é “medo”, mas o poeta aprendeu com o vento e com a vida “que do mesmo lugar de onde vêm os medos também podem vir as mais fascinantes revelações” (*Do sentimento*, p. 15).

As outras palavras que o Homem vai descobrindo são: “homem, morte, vida, escrita, universo, poder, aventura, poesia (a palavra “poesia”, “que viaja comigo, companheira eterna; para todos os lugares onde vou”, p. 32) e ainda, liberdade, guerra, ciência, invenção, amanhã, amor, história.

2. O “Eu” é também “Portugal” – Portugal que tem o nome de “um rei chamado Afonso”, que é *marinheiro, nau e barcarola*.

Em *Portugal para os pequeninos* escreve o poeta:

“Mesmo à beira do mar
há um país verde e azul
(...)”

Faz a identificação do país com os mais diversos elementos e personalidades simbólicas, essencialmente a figura do marinheiro e do poeta.

O marinheiro encontra Camões, Bocage, Gil Vicente, Cesário Verde, Fernando Pessoa,

Percorre todo o país e:

“Cansado, poisou a cabeça
nas pedras dos monumentos
e escutou deles segredos
vindos de outros tempos”

Mas Portugal tem também outros nomes: varinas, cesteiros, bordadeiras, fadistas – são nomes de pessoas-símbolos (não nomes próprios) e são nomes-monumentos: Batalha, Jerónimos, Convento de Tomar.

“Este país é um livro
que sonhou com o Oriente
e voltou para ser Europa
com o mar à sua frente.”

Em *Portugal por miúdos*, o país fez-se “missionário”, “navegante”, “mercador” e “cientista” (p. 44).

Portugal tem outros nomes ainda – é “Luís de Camões”, é “O Rei de Penamacor”, este último, um rapaz do povo que, mercê de imaginação e experiência de tantas histórias ouvir sobre D. Sebastião e a Batalha de Alcácer Quibir, cria uma farsa em que se faz passar por D. Sebastião, farsa essa que “fora, a partir de certo momento, uma forma de conspiração contra o poder de Filipe II, em Portugal.” (p. 70).

Também na biografia de Luís de Camões, escreve o narrador “na sua cabeça de rapaz sonhador, ser poeta e ser soldado eram duas faces da mesma moeda e essa moeda chamava-se Portugal, nome que aparecia, com vozes e rostos diferentes, em quase todos os seus sonhos” (p. 6).

3. Este “Eu” é ainda o **amor** – o amor nas suas mais diversas manifestações de afecto.

Quando José Jorge Letria me falou pela primeira vez do seu livro *Senhor Pessoa, chegámos a Cascais*, definiu-o como uma geografia sentimental, ligada à terra da sua infância. Com os livros e os escritores que conheceu na sua infância, desenhava essa geografia, que inclui a presença constante do pai e do mar. – pessoas e espaço numa envolveria contínua de afecto. Apresenta-nos, assim, uma espécie de autobiografia que reafirma e agrupa várias dimensões dispersas pelos seus textos.

Em *Um eléctrico chamado Tejo*, um dos mais recentes textos de Letria, explica-se:

“Este velho eléctrico chamava-se Tejo. Podia chamar-se “Vasco da Gama” ou “Luís de Camões”. Mas não. Chamava-se apenas “Tejo”, em homenagem ao rio que dá alma e vida à cidade” (p. 5). – a cidade é Lisboa e este eléctrico, personificado, tem um forte afecto por Lisboa, pelos bairros, pelos monumentos, pelas pessoas – pintores e poetas, mas também operários.

O amor tem sobretudo o nome de “mãe”. Na produção para crianças de Letria, em *A minha mãe* (1999), o seu dia tem perfume de rosas “porque as rosas são amores/ para dar no Dia da Mãe” e toda a família se organiza em função do afecto à figura materna.

Nos seus textos para adultos é constante também a presença da Mãe como um nome para o amor, em *Mares Interiores* (2001), *A Tentação da Felicidade* (1998) ou em *Variantes de Ouro* (1998).

Neste último livro veja-se também o exemplo da descoberta de outras dimensões do amor – no poema “Por todos os amores”:

O primeiro amor é sempre
Uma dormência (...)” (p.8).

Depois, para além da configuração dos afectos em espaços, em pessoas, há os animais. Nos livros para crianças, essa presença dos animais está envolta em certa postura ecologista, apresentado-

se no livro *Como por encanto*, a título de exemplo, os lobos sob uma faceta diferente da da selvajaria que a eles se associa. Há, assim, os lobos que vêm dar notícias da avó que morreu ao menino a quem ela contava histórias, dizendo que um dia iria para uma serra onde os lobos tomariam conta dela; o cão que vai fazer companhia ao homem que vivia solitário dentro do quadro; em *O Livro dos Gatos* (2001), eles são “o novelo latejante da ternura/ colada à pele dos nossos dias” e “Entram e saem dos livros ronronando segredos/ príncipes do sortilégio das lendas” (p.67-68). E na dedicatória: “Aos gatos da minha casa, que velaram por mim enquanto eu escrevia sobre eles”.

Assim, uma rede de afectos se estabelece, envolvendo espaços, seres, coisas que são formas diversas de nomear o amor.

Conduímos com três poemas, um para crianças, que encerra o livro *O que eu quero ser ...*, em que uma criança diz:

“Eu cá quero ser tudo
(...)”

Outro dos poemas integra o livro *Manuscritos do Mar Vivo* (2000): “Até ao fim dos dias” (p. 31):

(...)
e quando olho para o espelho
é o mar que vejo (...)

E ainda “O Polén dos Mistérios Infinitos” (p. 43):

(...)
Eu já tive tantos nomes
Que cada um que nasce dos meus dedos
É também a máscara e o escombro
(...)”

* Este texto é baseado numa comunicação apresentada no **IV Encontro de Literatura Infantil – “educação para a sensibilidade”**, na Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, Chaves, Março de 2002.

** Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.